

Vitória, 17 de agosto de 2017

**Ao
Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Caratinga
Secretaria de Meio Ambiente de Caratinga
Caratinga – MG**

Ref.: Publicação do primeiro módulo da Coleção Cuieté.

Prezados,

Dirijo-me aos senhores para apresentar uma pesquisa a respeito da região descrita na era colonial como Sertão do Cuieté. Em fins da primeira metade do século XVIII, com o ouro já escasseando nas lavras exploradas em Minas, foi incentivada pelo governo mineiro a busca por faisqueiras mais ricas. E foi nesta procura por novos descobertos que alguns sertanistas deram início às atividades de exploração das minas do Cuieté, principalmente a partir da entrada do paulista Pedro de Camargo Pimentel, considerado o primeiro povoador do lugar.

O estabelecimento do Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Cuieté completou, em 2016, seus 250 anos. Hoje pertencente ao município de Conselheiro Pena, leste de Minas Gerais, o Cuieté é mencionado em diversas obras da história mineira e do Brasil. Porém, mesmo tendo contribuído significativamente para a efetiva ocupação do Vale do Rio Doce, jamais teve sua importância reconhecida.

Em outubro de 1779, o governador dom Antonio, além de determinar a divisão das comarcas de Vila Rica, Sabará, Rio das Mortes e Serro Frio, nas partes meridional e setentrional do Rio Doce, deu novos limites ao Cuieté, que passou a ser chamado de Distrito da Nova Conquista do Cuieté. Naquele tempo, este distrito compreendia a parte sul do Rio Doce, desde a ponte sobre o Rio Doce, hoje Ponte Queimada, até o limite atual com a Capitania do Espírito Santo, atingindo os vales do Manhuaçu, Guandu e Cuieté. Pela parte norte do Rio Doce, seguia desde o Rio Santo Antonio até o Descoberto do Peçanha, atingindo a Serra das Esmeraldas e indo até os limites com a Bahia.

Depois de ter seu território fragmentado por diversas divisões administrativas, a área do antigo Distrito do Cuieté deu origem a vários municípios, dentre eles todos os que atualmente fazem parte da Bacia Hidrográfica do Rio Caratinga, parte importante desta rica história.

O antigo Distrito do Cuieté, entre 1890 e 1923, pertenceu ao município de Caratinga, fato de grande relevância para esta região, pois a descoberta de ouro pelo bandeirante Arzão, em fins do século XVII, defendida neste trabalho como ocorrida dentro dos limites do Sertão do Cuieté, foi preponderante no processo inicial de expansão territorial e na organização administrativa da então recém definida colônia.

No contexto histórico da região, vale ressaltar que o Rio Caratinga, outrora denominado Rio Cuieté, foi pátria dos bugres, na época denominados de botocudos. A presença maçante do gentio bravo nestas paragens foi a razão do fracasso das tentativas dos governadores Luís Diogo e conde de Valadares de abrir caminho entre Vila Rica e o Arraial do Cuieté, pela parte meridional do Rio Doce, entrando à direita da Serra do Sacramento. Coube então ao governador dom Antonio de Noronha, a partir de 1776, dar seguimento ao projeto, optando fazer a entrada pela esquerda da referida serra, seguindo o Ribeirão do Sacramento Grande e passando pelas localidades hoje denominadas Pingo D'Água, Quartel do Sacramento e Passa Dez, daí subindo a bocaina da serra para atingir terras do atual município de Vargem Alegre e os afluentes das cabeceiras do Rio Cuieté, se destacando os riberões Entre Folhas, Bugre, Santo Estevão, Boi e Alegre, buscando os rumos do Arraial do Cuieté.

Este caminho iniciado por dom Antonio foi concluído no governo de dom Rodrigo José de Meneses, em 1781, e é defendido pelo autor desta obra como uma vertente da Estrada Real.

Anos depois foi aberta outra estrada de Vila Rica ao Arraial do Cuieté, com algumas variantes, a partir da Ponte Queimada, a qual seguiu o rumo direito das cabeceiras do Sacramento Grande, passando pelas terras dos atuais municípios de Córrego Novo, Bom Jesus do Galho e Caratinga. Uma variante, saindo de Caratinga, passava terras hoje pertencentes aos municípios de Ubaporanga, Inhapim, São Domingos das Dores, São Sebastião do Anta e Itajutiba. Além dos pontos indicados, existiam ainda Jerusalém e Novo Horizonte como pontos de ligação entre a barra do Ribeirão Alegre, afluente do Cuieté, e Itajutiba. Desta localidade, via Bananal e Pega Bem, chegava-se ao Cuieté. Outra variante, também saindo de Caratinga, passava por Ubaporanga, Imbé de Minas, Águas Claras, Distrito de São José do Peixe e Alvarenga, chegando-se ao Cuieté via Cataca.

Após mais de vinte anos de avultada pesquisa científica e empírica, foi possível desenvolver um trabalho de resgate histórico do Cuieté, o qual possui grande legado e presença inarredável no limiar de Minas, vindo a ser um dos marcos geográficos que principiaram a definição e o surgimento do atual Estado de Minas Gerais.

Entre os elementos de pesquisa essenciais que dão sustentação a este estudo, se destacam os manuscritos e mapas de diversas instituições de pesquisa, tais como Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Exército do Rio de Janeiro, Arquivo Público Mineiro, Arquivo Público do Espírito Santo, IHGB-RJ, IHG-SP, IHG-ES, IHG-MG, Museu de Taubaté, Mapoteca do Itamarati do Rio de Janeiro e Museu do Ipiranga de São Paulo. Este trabalho foi beneficiado por uma infinidade de exames em documentos originais, oportunidade ímpar em que se pôde ver e sentir a importância desse passado e de seus protagonistas e coadjuvantes.

Por meio da publicação desta pesquisa em livro, cujo texto já se encontra pronto, pretende-se divulgar a região do Cuieté, que até o momento não foi tema de estudos avançados. Certamente a divulgação deste trabalho despertará o interesse de dezenas e dezenas de municípios, muitos dos quais desconhecem terem pertencido, na era colonial mineira, ao antigo Distrito do Cuieté, mas agora poderão conhecer, por meio de mapas e documentos inéditos, sua rica história. No Anexo I encontra-se a sinopse do primeiro módulo da Coleção Cuieté.

Diante do exposto, reporto-me aos senhores para contar com o apoio do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Caratinga, por meio de patrocínio, para a publicação de 2.000 exemplares desta obra, prevista para o mês de setembro ou outubro de 2017.

Fico ao inteiro dispor para conversar a respeito da pesquisa e do patrocínio, assim como para demais esclarecimentos, inclusive pessoalmente.

Atenciosamente,



José Araújo de Souza

Autor da obra, pesquisador e historiador

Telefones: (27) 98882-6232 / (27) 98825-9589 / (27) 3322-2325

E-mail: aratoni@uol.com.br

Anexo I

Sinopse do primeiro módulo da Coleção Cuieté

Denominado primeiramente de Casa da Casca, o Cuieté, território localizado no Sertão do Rio Doce, recebeu a influência de diversos protagonistas da história mineira e brasileira. Alguns desbravadores, entre os séculos XVI e XVII, tiveram naqueles sertões rota e destino, como Espinosa, Tourinho, Marcos de Azeredo, Fernão Dias Paes, Manoel de Borba Gato e Garcia Rodrigues Paes. Outros pioneiros a se destacar naqueles sertões foram os bandeirantes Antonio Rodrigues Arzão, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Antonio Dias de Oliveira, Miguel Garcia Velho, Bartolomeu Bueno de Siqueira, Manuel Ortiz de Camargo e José de Camargo Pimentel, além de sertanistas como João Pinto, Pedro Bueno Cacunda, Luís Borges Pinto, Francisco de Melo Coutinho Sotto Maior, João da Silva Guimarães, Pedro de Camargo Pimentel, José Pereira de Alvarenga, Sebastião Preto Cabral e Manuel Monteiro Chassim.

Antonio Rodrigues Arzão se destacou na descoberta do primeiro filão aurífero na região da futura Minas Gerais, feito do ano de 1693. Por volta de 1705, o paulista José de Camargo Pimentel sulcou as terras do Cuieté, em explorações a partir do Rio Piracicaba. Quatro décadas depois, seu filho, o capitão Pedro de Camargo Pimentel, teve autorização do conde de Bobadela para explorar as minas do Cuieté, no ano de 1746, sendo o primeiro a tentar estabelecer povoamento no lugar. Porém, o Sítio do Cuieté e outros pontos daqueles sertões foram despovoados pelo gentio algumas vezes, o que levou a coroa portuguesa, em 1764, a autorizar o governo mineiro a enviar bandeiras para a conquista daqueles índios, principalmente os botocudos que habitavam as paragens da Casa da Casca e que continuavam a causar danos a arraiais e fazendas do termo de Mariana, se aproximando da capital Vila Rica. Em 1766, com o estabelecimento do Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Cuieté, já havia naquela freguesia vigário, regência e guardamoria.

Diante do receio de descaminhos de ouro, diamantes e outras pedras preciosas rumo ao litoral, a metrópole portuguesa tomou medidas para restringir a passagem de pessoas pelos rios Doce e Cuieté. Por sua localização estratégica no Sertão do Rio Doce, o Cuieté se transformou em escudo entre Minas e Espírito Santo, tendo como defesa natural as matas do Guandu e os botocudos, habitantes dela. Da função de ponto de guarda, o Cuieté passou, em seguida, a lugar de degredo e de perspectivas minerais, diante das crenças de fabulosas faisqueiras em seus sertões. E quanto aos presídios dos sertões do Rio Doce, o degredo do Cuieté era o mais temido, e para lá se destinavam os malfetores, criminosos de todas as classes e militares que infringiam as leis.

O Arraial do Cuieté recebeu a visita de dois governadores de Minas, os quais foram pessoalmente conferir as propaladas riquezas minerais denunciadas naquele continente: dom Antonio de Noronha, em 1779, e dom Rodrigo José de Meneses, em 1781. Era o novo Eldorado do Cuieté renovando as esperanças da coroa portuguesa no sentido de reerguer a Capitania de Minas, que declinava de sua opulência.

Por ocasião da passagem de dom Antonio pelo território do Cuieté, este teve seus limites demarcados, passando a se chamar Distrito da Nova Conquista do Cuieté. O dito governador havia mandado abrir uma picada entre os anos de 1776 e 1779, a qual ligava Vila Rica ao Arraial do Cuieté. Esta rota, considerada pelo autor deste trabalho uma variante da Estrada Real, havia sido principiada em 1761, no governo de José Antonio Freire de Andrade, segundo conde de Bobadela. Anteriormente esta viagem era feita, em parte, via rios Piracicaba, Doce e Cuieté.

O plano do governo mineiro para empreender a Conquista do Cuieté, com anuência da coroa, a partir da redução indígena, teve como objetivos principais a aplicação da justiça, a distribuição de terras minerais, a extração de ouro, a ocupação territorial e o povoamento do lugar. Os governos que empreenderam a dita conquista buscavam também descobrir o sítio onde há vários anos havia

explorado o paulista Pedro Bueno Cacunda, no Rio Manhuaçu, lugar de onde vinham notícias de grandes haveres minerais.

É de grande destaque também no Cuieté o papel da Igreja Católica, por meio da catequese e da civilização indígena, ressaltando-se os trabalhos missionários de padre Ângelo Pessanha, que muito contribuiu para enriquecer a história local, e de padre Domingos da Silva Xavier, irmão de Tiradentes, o qual foi responsável pela construção de uma capela naquele distrito, a primeira a ser erigida no Sertão do Rio Doce. Ainda sobre a questão indígena, a trajetória do índio Pocrane e a presença do emigrado francês Guido Thomaz Marlière foram muito marcantes no território.

A partir do século XIX, além da estrada entre Vila Rica e o Cuieté, vários outros caminhos, trilhando rotas indígenas e tendo o Cuieté como ponto de referência, seguiram para outras direções de Minas e também para o Espírito Santo, com o propósito de facilitar a comunicação e incrementar o comércio entre as duas capitanias. E foi a partir destas novas rotas que surgiram os povoados e vilas, os quais deram origem às muitas cidades da Bacia do Rio Doce.



José Araújo de Souza
Autor da obra, pesquisador e historiador



Juliana Tonini Araújo de Souza
Colaboradora da obra

Vitória, julho de 2017